

USO E CONHECIMENTO SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS DE ESTUDANTES DA REDE DE ENSINO PÚBLICA E PRIVADA DO MUNICÍPIO DE BACABAL-MA

Ellayne Lima Vieira¹, Grazyella Ricelly Silva Pessoa¹, Luanna Lima Vieira²,
Wyllyane Rayana Chaves Carvalho³, Wellyson da Cunha Araújo Firmo⁴

A adolescência é um período marcado por intensas transformações biopsicoemocionais e socioculturais, tornando o jovem suscetível a situações de risco, como gravidez indesejada, abortos e exposição às doenças sexualmente transmissíveis. Logo, o conhecimento sobre contracepção e os agravos provenientes de relações sexuais desprotegidas é imprescindível para que o adolescente possa vivenciar o sexo de maneira saudável e segura. Esse estudo objetivou investigar o uso e conhecimento sobre métodos contraceptivos pelas estudantes da rede pública e privada de ensino do município de Bacabal-MA. Trata-se de um estudo descritivo de caráter quantitativo, realizado com 209 adolescentes na faixa etária dos 13 a 19 anos, sendo que 92 estudavam na escola particular e 117 na pública. A coleta de dados se deu pela aplicação de questionário nos meses de fevereiro e março de 2015, sendo a análise feita com a utilização do Programa Stata. Quanto ao início da vida sexual, 34,19% da pública e 17,39% das estudantes da escola privada relataram ter iniciado a vida sexual, sendo a camisinha masculina (60,71%) o método contraceptivo mais utilizado. No que diz respeito ao conhecimento sobre métodos contraceptivos, constatou-se que não houve diferença estatisticamente significativa e que este conhecimento é insuficiente em ambas as escolas. Considerando que a mudança de comportamento é fruto de um processo complexo e que se realiza a médio e longo prazo, é importante investir no desenvolvimento de ações contínuas na educação sexual dos adolescentes sendo importante uma articulação entre as equipes de saúde, a família e a escola.

Palavras-Chave: Conhecimento. Gravidez. Métodos contraceptivos. Sexualidade.

Adolescence is a period marked by intense bio-psyco-emotional and socio-cultural changes, making the young susceptible to hazards such as unwanted pregnancies, abortions and exposure to sexually transmitted diseases. Therefore, knowledge about contraception and diseases from unprotected sex is essential in order to the teenager experience sex in a healthy and safe way. This study aimed to investigate the use and knowledge of contraceptive methods by students from public and private schools in the city of Bacabal-MA. This is a descriptive study of quantitative character, performed with 209 adolescents in the age group of 13-19 years, and 92 students in private school and 117 in public. The data collection was carried out by a questionnaire in February and March 2015, and the analysis using the Stata program. As for the onset of sexual activity, 34.19% of public and 17.39% of private school students reported having initiated sexual life and the male condom (60.71%), the most widely used contraceptive method. With regard to knowledge about contraceptive methods, it was found that there was no statistically significant difference and that this understanding is insufficient at both schools. Whereas behavior change is the result of a complex process that takes place in the medium and long term, it is important to invest in the development of continuous actions in the sexual education of adolescents, being important a link between health teams, family and school.

Keywords: Knowledge. Pregnancy. Contraceptive Methods. Sexually.

¹Enfermeira pela Faculdade de Educação de Bacabal-FEBAC. Email: ellayne_limas@hotmail.com, grazyella.ricely@hotmail.com

²Acadêmica do Curso de Farmácia pela Faculdade de Educação de Bacabal-FEBAC. Email: luanna_limas2@hotmail.com

³ Nutricionista pela Faculdade Santa Terezinha-CEST. Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Email: wyllyane_rayana@hotmail.com

⁴ Farmacêutico pela Faculdade de Imperatriz-FACIMP. Mestre em Saúde e Ambiente pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA. E-mail: mail:well_firmo@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser entendida de diversas formas. É uma fase de crescimento e desenvolvimento do ser humano, marcada por várias transformações físicas, psíquicas e sociais. Ao se falar de sexualidade, há uma grande preocupação com os jovens, por muitos colocarem sua saúde em risco devido a prazeres imediatos, podendo contrair vários tipos de doença sexualmente transmissível (DST) ou ainda engravidar indesejadamente, sendo tais consequências provenientes do pouco conhecimento e da pouca utilização de métodos de barreira ou simplesmente por não terem vontade de usar (GROSSMAN et al., 2008).

A contracepção na adolescência reveste-se de grande importância por ser a fase da vida em que há dúvidas e temores acerca da própria feminilidade. Nessa fase da vida há incertezas sobre fertilidade, atividade sexual e ciclo menstrual. Há o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários femininos, sendo a jovem vista pela sociedade não mais como menina, mas como mulher, com modificações do comportamento sexual (GIORDANO; GIORDANO, 2009).

No Brasil, os adolescentes iniciam a atividade sexual sem se preocuparem com as formas de prevenção, como o uso de pílula ou da camisinha e muito menos com as suas principais consequências (AQUINO et al., 2010).

Para Silva e Araújo (2010), a gravidez precoce tornou-se um problema de saúde pública, devido ao impacto socioeconômico e aos possíveis riscos na saúde materno-infantil. Além disso, pode acarretar no abandono da vida escolar e, até mesmo, da vida social, interferindo no desenvolvimento do indivíduo.

De acordo com Brasil (2010), foram notificados no Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), nos anos de 1980 a junho de 2010, 12.693 casos da síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA) entre adolescentes de 13 a 19 anos de idade. As DSTs e SIDA são um risco para a saúde dos adolescentes sexualmente ativos. Isso porque muitos deles possuem uma variabilidade de parceiros sexuais, têm baixa adesão ao uso de

preservativo nas relações sexuais e utilizam (CUSTÓDIO, et al., 2009).

Alguns pais não conseguem falar sobre sexualidade nem acerca da prática sexual segura com os jovens em razão de vários fatores, dentre eles: falta de instrução, vergonha, falta de liberdade com os filhos em virtude da cultura na qual eles vivem, pois veem o sexo como tabu (HOLANDA, et al., 2006).

Nesse contexto, a escola tem importante papel em orientar os jovens a ter uma vida saudável. Também se caracteriza como um local de compromisso social, onde pode permear o diálogo aberto para a discussão de vários temas, como, por exemplo, a sexualidade, pois muitos jovens desconhecem seu corpo, os riscos inerentes numa relação sexual desprotegida. O agravante é que muitos iniciam sua vida sexual sem essas informações, repercutindo numa questão de Saúde Pública.

Métodos contraceptivos são maneiras, medicamentos, objetos e cirurgias, usados pelas pessoas para evitar a gravidez, existem os métodos femininos e masculinos, os que são considerados reversíveis (volta a ter a capacidade de engravidar quando a pessoa para de usar) e os irreversíveis (se utilizado é muito difícil recuperar a capacidade de engravidar), portanto, a pessoa que optar por esse método precisa estar seguro que realmente não quer mais ter filhos. Não existe método 100% eficaz, todos têm uma probabilidade de falha, nenhum é melhor que o outro, pois existem as vantagens e desvantagens de cada um, sendo importante estar bem informado para uma melhor escolha, procurando um serviço de saúde para esclarecimentos e informações sobre os métodos anticoncepcionais disponíveis (BRASIL, 2006).

No Brasil, os estudos com adolescentes escolares inseridos em diferentes contextos socioeconômicos são escassos, visto que a maioria deles aborda jovens das escolas públicas, provavelmente porque as instituições particulares têm maior resistência em consentir atividades de pesquisa entre seus alunos. Em decorrência de todos esses fatos em que pesem as diferenças e especificidades determinadas

pelas classes ou grupos sociais a que pertencem é que se fez relevante a realização desta pesquisa. As diferenças socioeconômicas e culturais da população do País podem influenciar no conhecimento e uso de métodos contraceptivos. Possivelmente, os dados obtidos unicamente da avaliação de adolescentes das escolas públicas, não expressam a realidade da população escolar dessa faixa etária. É interessante compreender se as estudantes do Ensino Médio têm informações sobre os métodos contraceptivos, e onde ou com quem estão adquirindo estas informações.

Diante desse contexto, o presente trabalho teve como objetivo investigar o uso e conhecimento sobre métodos contraceptivos de estudantes da rede pública e privada de ensino do município de Bacabal-MA.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de estudo descritivo de caráter quantitativo, realizada no período de fevereiro a março de 2015, em escolas de ensino médio da zona urbana de Bacabal, Maranhão. Fizeram parte do estudo as alunas do 1º ao 3º ano de duas escolas, sendo uma pública e a outra particular escolhidas de forma aleatória por meio de sorteio. O tamanho da população foi de 120 alunas da rede particular e 167 da pública, utilizando-se o cálculo amostral de Santos (2015), considerando a margem de erro tolerável de 5% e nível de confiança de 95% na população de cada escola, obteve-se uma amostra total de 209 adolescentes, dos quais 92 estudavam na escola particular e 117 na instituição pública.

Foi aplicado um questionário com 20 questões contendo perguntas abertas e fechadas, elaborado pelos autores do presente trabalho e abordava questões acerca das características socioeconômicas, sexuais e do conhecimento sobre métodos contraceptivos. Para isso, foi solicitada autorização da direção

das respectivas escolas para que a pesquisa fosse realizada, e após autorização houve a explanação dos pesquisadores sobre o objetivo e a natureza da pesquisa, em seguida foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos pais e/ou responsáveis pelos adolescentes com idade inferior a 18 anos e aos alunos maiores de 18 anos, após o aceite da estudante adolescente em participar voluntariamente do estudo foi entregue um questionário anônimo e autoaplicável para preenchimento individual na sala de aula, sendo que as fichas de identificação e o questionário não eram recolhidos conjuntamente, mas guardados em fichários separadamente, garantindo a privacidade das respostas das alunas. O presente estudo seguiu os preceitos éticos instituídos pela Resolução nº 466/12 que garante às participantes se retirar da pesquisa a qualquer momento.

A análise dos dados foi feita com a utilização do programa STATA (versão 12.0), em um contexto quantitativo, expressos mediante símbolos numéricos. Utilizaram-se os testes do Qui-quadrado e Exato de Fisher onde o nível de significância para esses testes foi p valor <0,05. A análise estatística foi descritiva, os quais foram organizados em forma de tabelas e gráficos para análise e discussão, utilizando os Programas Microsoft Office Word® 2010 e Microsoft Office Excel® 2010.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta a população de adolescentes estudadas com base nas características socioeconômica, demográfica, tipo de religião das estudantes e ano do ensino médio que as estas cursavam.

A média de idade das estudantes da escola pública foi de 15,72 anos (DP±1,26) e a idade média das estudantes da escola privada foi de 15,15 anos (DP±1,05). Com idade mínima de 13 e máxima de 19 anos.

Tabela 1. Variáveis socioeconômicas e demográficas de estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA, 2015.

Variáveis	Escola Pública		Escola Privada		p valor****
	N (117)	% (55,98)	N (92)	% (44,02)	
RELIGIÃO					
Católica	67	57,76	60	65,22	0,40
Evangélica	42	36,21	30	32,61	
Espírita	2	1,72	0	0	
Outras	5	4,31	2	2,17	
SITUAÇÃO CONJUGAL					
Solteira	108	92,31	89	96,74	0,33
Casada	5	4,27	1	1,09	
União consensual	4	3,42	2	2,17	
RENDA					
≤ 1 salário*	65	57,02	3	3,26	0,00
1 a 2 salários	31	27,19	27	29,35	
> 2 salários	18	15,79	62	67,39	
ESCOLARIDADE**					
1º ano	51	43,59	47	51,09	0,48
2º ano	34	29,06	25	27,17	
3º ano	32	27,35	20	21,74	

Salário*=salário mínimo correspondente ao valor atual; Escolaridade** = todas entrevistadas concluíram o ensino fundamental; p valor****= significante quando for <0,05. Utilizaram-se os testes Qui-quadrado e Exato de Fisher.

Quanto à religião referida, houve predomínio da religião católica em ambas as escolas (57,66% na pública *versus* 65,22% na particular). O resultado da pesquisa coincide com os dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) onde a religião mais citada foi a católica. No que diz respeito à situação conjugal, a maior parte referiu ser solteira (sendo 92,31% na escola pública e 96,74% na escola privada).

Em relação à renda da família, prevaleceu, na escola pública, renda mensal menor ou igual a um salário mínimo (57,02%) e na escola privada a maioria das alunas referiu ter uma renda familiar maior que dois salários mínimos (67,39%).

Observa-se que na Tabela 1, a amostra só difere em relação à renda (p=0,00), onde as estudantes da escola pública possuem renda mais baixa que as da rede privada.

Referente à escolaridade, as que cursavam o 1º ano eram maioria em ambas as escolas (43,59% na escola pública e 51,09% na particular). Houve maior proporção de alunas do 1º ano tanto na escola pública como na privada possivelmente porque tinham mais turmas deste ano escolar se comparadas as turmas dos 2º e 3º anos, fato também observado no estudo com adolescentes feito por Chofakian et al. (2014).

Tabela 2. Variáveis referentes à atividade sexual, uso e conhecimento de métodos contraceptivos de estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA, 2015.

Variáveis	Escola Pública		Escola Privada		p valor*
	N (117)	% (55,98)	N (92)	% (44,02)	
ATIVIDADE					
Sim	40	34,19	16	17,39	0,00
Não	77	65,81	76	82,61	
INÍCIO DA ATIVIDADE					
< 15 anos	17	42,50	7	43,75	0,86
15 a 18 anos	22	54,50	9	56,25	
> 18 anos	1	2,50	0	0	
SABE A FUNÇÃO DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS					
Sim	85	74,56	16	17,39	0,00
Não	29	25,44	76	82,61	
SABE OS RISCOS DA NÃO UTILIZAÇÃO DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS					
Sim	73	63,48	83	90,22	0,00
Não	42	36,52	9	9,78	
UTILIZA/UTILIZOU ALGUM MÉTODO CONTRACEPTIVO					
Sim	33	28,70	16	17,39	0,05
Não	82	71,30	76	82,61	

***P valor*= significante quando for <0,05. Utilizaram-se os testes Qui-quadrado e Exato de Fisher.

Fonte: Autores (2015).

Na Tabela 2 foram apresentadas informações referentes à atividade sexual, uso e conhecimento sobre métodos contraceptivos. Quanto a terem iniciado atividade sexual a maioria respondeu que não em ambas as escolas (65,81% de estudantes na pública *versus* 82,61% na particular) e as adolescentes que já têm atividade sexual correspondem a 34,19% da pública e 17,39% da particular, observa-se uma diferença quanto à atividade sexual, sendo que as estudantes da rede pública foram as que mais acusaram já ter iniciado a atividade sexual e essa diferença foi estatisticamente significativa ($p=0,00$). Estes achados são semelhantes ao estudo de Oliveira, Nunes e Santos (2014) no qual 63% dos alunos da escola pública relataram que já tiveram relações sexuais, enquanto na escola privada 33% dos alunos já tiveram e divergem do estudo de Portela e Araújo (2013), no qual a maioria dos que já tinham atividade sexual era da escola privada.

A respeito da idade em que as estudantes realizaram a primeira relação sexual, a grande

maioria (54,50% na pública e 56,25% na particular) teve a primeira relação entre os 15 e 18 anos, dados semelhantes ao encontrado no estudo de Mendonça e Araújo (2009), em que o maior índice de iniciação sexual ocorreu em torno dos 14 a 15 anos de idade.

Ao serem abordadas se conheciam a função dos métodos contraceptivos (Tabela 2) a maioria, 74,56% das estudantes da rede pública respondeu que conheciam o oposto das estudantes da rede particular, onde a maioria, 82,61% respondeu não saber a função dos mesmos. Porém, quando questionadas quanto aos riscos da não utilização dos métodos contraceptivos, 63,48% relataram conhecer e 36,52% não conheciam na escola pública; já na particular, 90,22% conheciam e somente 9,78% não sabiam os riscos.

Em relação ao conhecimento sobre a função, foi superior os das estudantes da rede pública ($p=0,00$), entretanto o conhecimento sobre os riscos do não uso dos métodos contraceptivos foi maior nas entrevistadas da rede privada ($p=0,00$). Dados contrastantes, visto que embora as estudantes da rede pública saibam mais sobre a função, porém as mesmas não conhecem mais

sobre os riscos do não uso dos métodos que as da rede privada. Entretanto, se analisarmos melhor esses dados, pode-se perceber que as mesmas sabem basicamente a mesma coisa, ou seja, elas têm um conhecimento limitado tendo em vista que os riscos têm relação direta com a função uma vez que segundo Brasil (2006), os métodos contraceptivos têm a função de reduzir as hipóteses de ocorrer uma gravidez não desejada e até mesmo prevenir a transmissão das DSTs quando se fala de método como preservativo.

Esses resultados corroboram com os dados encontrados no estudo de Martins et al. (2006), no qual foi identificado que os adolescentes não apresentam conhecimento adequado sobre os métodos contraceptivos. Sobre os exemplos dos riscos que foram citados pelas estudantes: SIDA (13,49%), gravidez (86,62%) e outras doenças sexualmente transmissíveis (39,05%).

Quanto a utilizar ou já ter utilizado algum método contraceptivo, houve predomínio em não terem utilizado ou utilizar em ambas as escolas (71,30% na pública *versus* 82,61% no particular) e as que utilizam/utilizaram foram 28,70% e 17,39% nas respectivas escolas. Esse resultado também foi encontrado por Mendes et al. (2011), e que divergem do encontrado por Duarte et al. (2011), no qual, 75% das adolescentes faziam uso de métodos contraceptivos. A inadequação do conhecimento sobre as diversas possibilidades contraceptivas atua como um fator de resistência ao uso.

Quando perguntado sobre a definição do conceito dos métodos contraceptivos, a maioria, 25,44%, descreveu que consistia em um método para evitar a gravidez; 23,32% acreditam que são métodos tanto para evitar gravidez quanto para evitar doenças sexualmente transmissíveis e as demais respostas foram referentes a evitar doenças, são remédios e pílulas e forma de prevenção, com percentuais inferiores a 20% para cada resposta.

Sobre as questões referentes à gestação, número de gestações, planejamento da gravidez e aborto, a maioria das estudantes não respondeu, possivelmente porque elas referiram não ter atividade sexual. Quando questionadas sobre gestação, das 56 estudantes que responderam à pergunta, 8,93% informaram já terem ficado

grávidas, sendo que 80% possuem 1 filho e 20% possuem 2 filhos; 80% também delas não haviam planejado as gestações. Sobre aborto, 1,79% informou já ter sofrido.

No estudo de Vonk, Bonan e Silva (2013), 26,5% tiveram experiência de gravidez e quase não houve relato de aborto em seu estudo, dado também encontrado no nosso. Duarte et al. (2011) em sua pesquisa constatou que 66,6% das adolescentes que engravidaram não planejaram a gestação, havendo cinco abortamentos.

Quando perguntado sobre a definição do conceito dos métodos contraceptivos, a maioria, 25,44%, descreveu que consistia em um método para evitar a gravidez; 23,32% acreditam que são métodos tanto para evitar gravidez quanto para evitar doenças sexualmente transmissíveis e as demais respostas foram referentes a evitar doenças, são remédios e pílulas e forma de prevenção, com percentuais inferiores a 20% para cada resposta.

Sobre as questões referentes à gestação, número de gestações, planejamento da gravidez e aborto, a maioria das estudantes não respondeu, possivelmente porque elas referiram não ter atividade sexual. Quando questionadas sobre gestação, das 56 estudantes que responderam à pergunta, 8,93% informaram já terem ficado grávidas, sendo que 80% possuem 1 filho e 20% possuem 2 filhos; 80% também delas não haviam planejado as gestações. Sobre aborto, 1,79% informou já ter sofrido.

No estudo de Vonk, Bonan e Silva (2013), 26,5% tiveram experiência de gravidez e quase não houve relato de aborto em seu estudo, dado também encontrado no nosso. Duarte et al. (2011) em sua pesquisa constatou que 66,6% das adolescentes que engravidaram não planejaram a gestação, havendo cinco abortamentos.

No Gráfico 1 estão expostos os principais tipos de métodos contraceptivos que as estudantes usam ou já usaram, das 209 entrevistadas, 60,71% delas usam a camisinha masculina, 5,35% a camisinha feminina, 44,64% já usaram a pílula do dia seguinte e nenhuma referiu já ter utilizado o diafragma e o dispositivo intrauterino. Vale destacar que algumas entrevistadas relataram mais de um, entre as opções de métodos contraceptivos inseridas no questionário. Observa-

se que a maior porcentagem foi em relação à camisinha masculina dado também encontrado no estudo de Vonk, Bonan e Silva (2013).

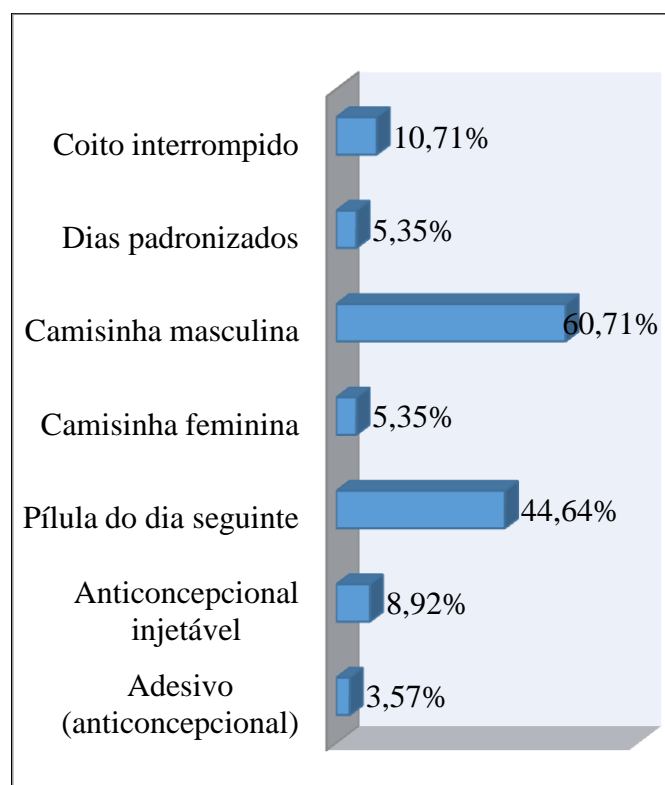


Gráfico 1. Principais tipos de métodos contraceptivos utilizados pelas estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA, 2015.

A camisinha feminina foi uma das opções menos referida, o que pode ter relação com o resultado encontrado no estudo de Oliveira et al. (2008) no qual foi avaliado o conhecimento e a promoção do uso do preservativo feminino por profissionais de unidade de referência para DST/HIV, constatou-se que os participantes do estudo não estavam aptos a promover o preservativo feminino, uma vez que desconheciam características fundamentais do método, no geral a informação e a indicação deste método não foi rotina detectada na prática dos profissionais investigados.

Vale ressaltar que durante a aplicação dos questionários, várias adolescentes mencionaram desconhecer a maioria dos métodos contraceptivos e muitas relataram nunca ter visto a camisinha feminina, após a aplicação dos questionários, as estudantes nos procuraram para esclarecer dúvidas a respeito dos métodos.

Ao se questionar a população do estudo a respeito dos principais meios de informação sobre métodos contraceptivos, o maior número delas disse se informar através da internet, 45,93% e através de conversas com amigas, 40,67%, ressaltando que as estudantes marcaram mais de uma opção no questionário; chama-se a atenção para menor porcentagem que foi ocupada pelo profissional de saúde com 16,75%, as demais formas de informação foram destacadas no Gráfico 2. A principal fonte de informação encontrada neste estudo foi a internet, o que diverge do encontrado por Mendonça e Araújo (2009), em que a internet foi o meio de informação menos referido.

Ressalta-se a preocupação com a qualidade da informação recebida, que deve orientar não apenas os tipos de métodos, mas também seu uso correto, a escolha individual do melhor método, suas vantagens e desvantagens, deve-se ser inserido um profissional da saúde no repasse dessas informações.

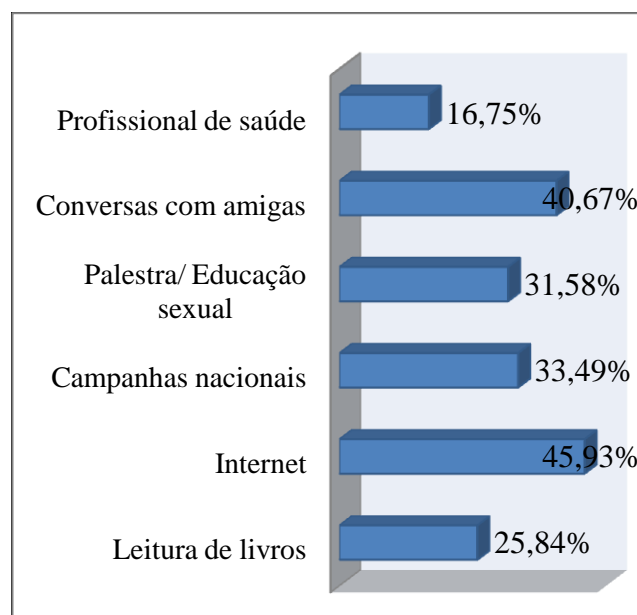


Gráfico 2. Principais meios de informações sobre tipos de métodos contraceptivos utilizados pelas estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA, 2015.

São poucos os adolescentes que buscam orientações médicas sobre os métodos contraceptivos (OLIVEIRA; NUNES; SANTOS, 2014). O estudo de Lacerda (2010) também encontrou dado semelhante no que se refere à

participação profissional no planejamento reprodutivo dos adolescentes.

Nosso resultado quanto à fonte de informação para as estudantes é semelhante ao encontrado por Oliveira, Nunes e Santos (2014), que os amigos e a internet foram os principais meios utilizados para obterem informações e que são poucos os adolescentes que buscam orientações médicas sobre métodos contraceptivos.

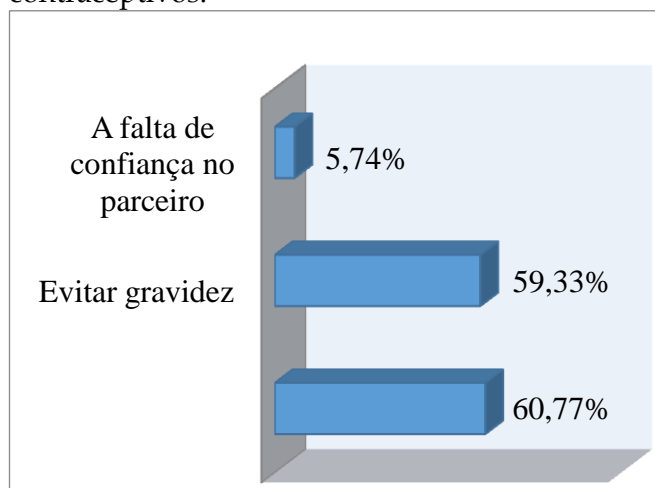


Gráfico 3. Principais motivações que levam/levariam ao uso de métodos contraceptivos pelas estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA, 2015.

Em relação às principais motivações que leva/levariam ao uso dos métodos contraceptivos no Gráfico 3, destaca-se prevenir doenças sexualmente transmissíveis 60,77%, seguida de evitar gravidez 59,33%, e a falta de confiança no parceiro foi a menos referida perfazendo 5,74%. Embora os métodos contraceptivos não tenham a função de evitar as doenças sexualmente transmissíveis com exceção dos preservativos masculino e feminino, neste estudo foi o que obteve maior percentagem, porém esse fato pode ter relação ao dado encontrado no estudo de Mendonça e Araújo (2009), no qual, 79,07% das adolescentes preferem escolher um método contraceptivo que previna tanto a gravidez quanto as DSTs.

No Gráfico 4, quando questionadas sobre os principais motivos que levam/levariam ao não uso de métodos contraceptivos pelas estudantes, a maioria referiu o desconforto 36,86%, seguido do pedido do parceiro 25,92% e de não saber usar

23,04%. A maioria dos métodos contraceptivos provoca reações adversas tais como, náuseas, tontura e dores de cabeça com exceção dos preservativos; porém, o *condom* feminino tem como desvantagem o seu possível deslocamento durante o ato sexual e o provável incômodo durante o coito causado pelo anel interior (SRP, 2007).

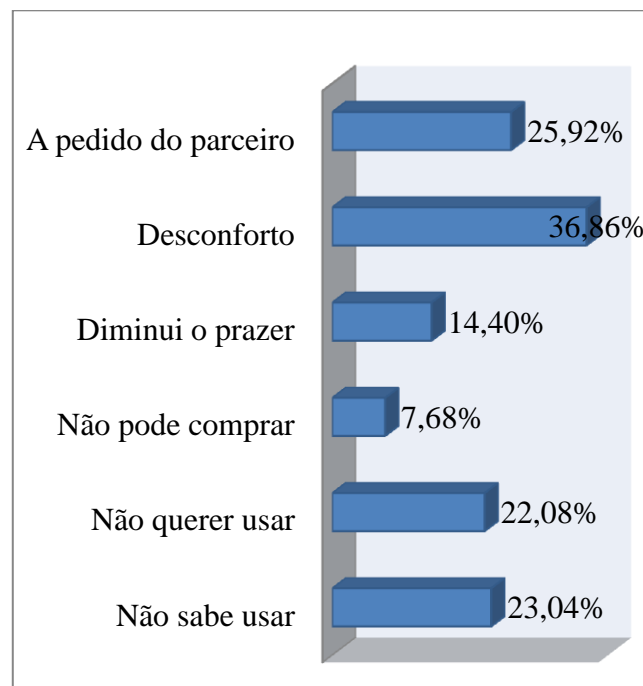


Gráfico 4. Principais motivações que levam/levariam ao não uso de métodos contraceptivos pelas estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA, 2015.

No estudo de Jardim et al. (2013), foi observado que boa parte dos adolescentes afirmou que não usam o preservativo por achar desconfortável e por diminuir o prazer na hora do ato sexual, resposta assinalada por 54,6% dos adolescentes; e 9,1%, alegaram a falta de condições financeiras para adquirir algum método, evidenciando a carência de informação acerca da distribuição de métodos como a camisinha, pelo Sistema Único de Saúde.

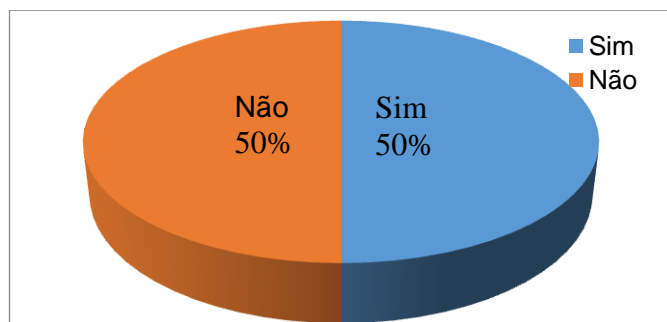


Gráfico 5. Realização de palestras sobre métodos contraceptivos nas escolas das estudantes entrevistadas. Bacabal-MA, 2015.

No Gráfico 5, das 209 estudantes entrevistadas 50% afirmaram que já tiveram palestras na escola sobre métodos contraceptivos e os outros 50% mencionaram que não. Observa-se que embora não abrangendo todos os alunos do ensino médio, a escola já vem transmitindo informações sobre anticoncepção aos seus alunos, seja através de acadêmicos, enfermeiros ou professores, o tema já vem sendo discutido na escola.

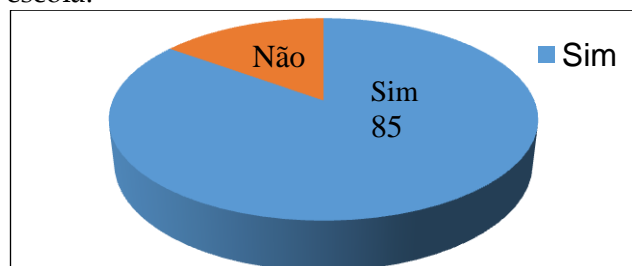


Gráfico 6. Percentual de estudantes que afirmaram saber que os postos de saúde distribuem os métodos contraceptivos. Bacabal-MA, 2015.

Dados de um estudo que questionou adolescentes sobre a importância da escola na educação sexual do jovem e evidenciaram que os professores não estão preparados ou desconhecem assuntos como a sexualidade, DST e gravidez (BESERRA; PINHEIRO; BARROSO, 2008).

No Gráfico 6, quando indagadas em relação ao conhecimento sobre a distribuição de métodos contraceptivos em postos de saúde, a maioria das estudantes, 85%, sabe que essa prática existe, e o restante, 15%, afirmou não saber.

Doreto (2007) em seu estudo com adolescentes do sexo feminino, na faixa etária de 15 a 19 anos, verificou que 86,7% delas sabiam que os postos de saúde distribuem métodos contraceptivos e Dib (2007), estudando adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 13 a 16 anos, verificou que o posto de saúde foi referido por 75,8% dos adolescentes como o principal local de obtenção de métodos contraceptivos.

Tabela 3. Percentagem de respostas corretas sobre métodos contraceptivos de estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA, 2015.

Variáveis	Escola Pública	Escola Privada	<i>p</i> valor*
	%	%	
O diafragma é descartável	63,89	61,97	0,81
O diafragma é colocado dentro do útero	67,11	68,12	0,89
O diafragma deve ser retirado entre 8 e 12 horas após a relação sexual	49,28	43,75	0,52
A pílula do dia seguinte deve ser tomada até 72 horas	64,47	68,42	0,60
A pílula do dia seguinte não pode ser usada como contraceptivo frequente	62,82	62,34	0,95

A injeção deve ser aplicada semanalmente	20,99	30,99	0,15
Quando terminada uma caixa de pílula, deve-se começar outra no dia seguinte	34,29	49,28	0,07
A pílula protege contra DST	28,57	37,97	0,19
O coito interrompido é seguro para evitar filhos	44,62	45,83	0,88
A tabelinha é muito eficaz para evitar filhos	69,12	81,58	0,08
Só quem tem ciclos regulares pode usar a tabelinha	51,52	64,38	0,12
O DIU é colocado dentro do útero	68,57	83,64	0,68
O DIU atrapalha a relação sexual	22,73	16,34	0,38
A mulher deve tomar a pílula todos os dias sempre no mesmo horário	79,17	73,97	0,46
A camisinha masculina deve ser retirada quando o pênis ainda está ereto	73,61	68,57	0,50
A camisinha feminina pode ser colocada até 12 horas antes da relação sexual	33,82	20,97	0,10
A camisinha é 100% segura	26,60	17,44	0,14

***P valor* significante quando for <0,05. Utilizaram-se os testes Qui-quadrado e Exato de Fisher.

A Tabela 3 apresenta o percentual de acertos sobre alguns questionamentos acerca dos métodos contraceptivos respondidos pelas estudantes da escola pública e privada. Observa-se que não houve diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) em relação às respostas corretas (e consequentemente as erradas) respondidas pelas estudantes da rede pública e privada. Isso significa que as estudantes acertaram e erraram na mesma proporção, e que o conhecimento testado a partir das perguntas não difere, mas vale destacar algumas perguntas que obtiveram número de acertos baixo, como a questão sobre a aplicação da injeção semanalmente, em que um percentual de acertos foi muito baixo para ambas as escolas, diferente do encontrado no estudo Portela e Araújo (2013) no qual foi um dos métodos contraceptivos de maior índice de acerto. Nossos dados são semelhantes aos destes autores no que refere ao nível de acerto sobre o diafragma, pois a maioria acertou, no entanto, divergem dos seus resultados quanto ao dispositivo intrauterino atrapalhar a relação

sexual, pois em seu resultado a maioria acertou e no nosso errou esse questionamento.

Quando perguntado se a camisinha é 100% segura, a maioria respondeu de forma incorreta dado também encontrado por Barreiros, Guazzelli e Moron (2005) em seu estudo com adolescentes escolarizados. Observa-se que a maioria das estudantes acredita que a pílula protege contra DST, um dado preocupante, mas que também foi observado no estudo de Oliveira et al. (2009), no qual 10,8% dos adolescentes referiram que os anticoncepcionais orais atuam como uma barreira contra DST/AIDS, além disso um menor percentual associou essa função ao coito interrompido e a tabelinha.

Quanto ao conhecimento sobre métodos contraceptivos, a camisinha masculina, seguida da pílula do dia seguinte e da pílula (anticoncepcional oral) com exceção de esta proteger contra DST que obteve muito erro, foram uns dos questionamentos que obtiveram mais acertos, dados semelhantes ao encontrado por Madureira, Marques e Jardim (2010).

Com relação ao conhecimento, é importante ressaltar que as questões sobre

métodos anticoncepcionais que foram submetidas à apreciação das estudantes eram simples e exigiam o mínimo de informação sobre eles. Desta maneira, o resultado pode ser visto como um indicador do pouco conhecimento, e talvez o nível desse conhecimento seja ainda menor do que o evidenciado, uma vez que por serem questões de verdadeiros e falsos, alguns podem ter respondido sem realmente ter certeza do que estava marcando.

4. CONCLUSÃO

O presente estudo, ao analisar duas amostras estudantis provenientes de redes de ensino distintas, permitiu comparar a prática sexual das adolescentes e o conhecimento sobre métodos contraceptivos em diferentes condições socioeconômicas.

Os resultados mostraram que a maioria das estudantes ainda não iniciou a vida sexual, e as que já haviam iniciado representam 34,19% das estudantes da escola pública e 17,39% da privada, esse resultado foi estatisticamente significativo ($p=0,00$), pois houve uma diferença quanto à atividade sexual, haja vista que as estudantes da rede pública foram as que mais acusaram já ter iniciado a atividade sexual, sendo a camisinha masculina o método contraceptivo mais utilizado por todas as adolescentes.

Apesar da utilização de métodos contraceptivos pela minoria das estudantes sexualmente ativas, e de 50% do total de estudantes afirmarem que já foram informadas de alguma forma acerca de contracepção pela escola, não houve diferença estatisticamente significativa ($p<0,05$) quanto ao conhecimento das estudantes da rede pública e privada; constatou-se que as estudantes do ensino

médio participantes do estudo de forma geral não têm conhecimento suficiente sobre o assunto, o que sugere que as adolescentes não estão tendo informações de boa qualidade, não conhecendo, portanto, os vários métodos existentes, como se utiliza, vantagem, desvantagem e eficácia dos mesmos.

Apesar de existirem diversos métodos anticoncepcionais seguros e eficazes, a gravidez na adolescência continua sendo um problema; em nosso estudo, 8,93% informaram já ter ficado grávidas, sendo que destas 80% delas não haviam planejado as gestações. A fonte de informação menos referida pelas estudantes foi o profissional de saúde, em contrapartida, as mais referidas foram a internet e as amigas, por isso, devemos colocar em dúvida a qualidade dessas informações, em vista que a maioria das estudantes do estudo acha que a pílula protege contra as DSTs, que a camisinha é 100% segura, que o DIU atrapalha a relação sexual e a injeção deve ser aplicada semanalmente.

Considerando que a mudança de comportamento é fruto de um processo complexo, ideológico, psíquico e afetivo, e que se realiza a médio e longo prazo, é importante investir no desenvolvimento de ações contínuas na educação sexual dos adolescentes em geral. É necessária uma articulação entre as equipes de saúde, a família e a escola para implementação de programas de educação em saúde sobre educação sexual, pois somente com a orientação e conscientização dos adolescentes acerca da importância da utilização de métodos contraceptivos é possível diminuir os índices de gravidez precoce e DST/SIDA, contribuindo assim para a saúde e o bem estar biopsicossocial dessa parcela da população.

5. REFERÊNCIAS

_____. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico - AIDS e DST. Ano VII nº 1. Brasília (DF): Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2010.

AQUINO, E.M.L. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos

perfis sociais. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2010.

BARREIROS, F.A.; GUAZZELLI, C.A.F.; MORON, A.F. Conhecimento básico de adolescentes escolarizados sobre métodos anticoncepcionais. Adolescência & Saúde, v. 2, n.1, mar. 2005.

- BESSERA, E.P.; PINHEIRO, P.N.C.; BARROSO, M.G.T. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 12, n. 3, p. 522-528, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais. *Serie Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos; caderno n° 2*, Brasília, 2006.
- CHOFAKIAN, C.B.N. et al. Conhecimento sobre anticoncepção de emergência entre adolescentes do Ensino Médio de escolas públicas e privadas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 30, n.07, p. 1525-1536, jul. 2014.
- CUSTÓDIO, G. et al. Comportamento sexual e de risco para DST e gravidez em adolescentes. *DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, 2009.
- DIB, S.C.S. *Contracepção na adolescência: conhecimento sobre métodos anticoncepcionais entre alunos de escolas públicas municipais de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, 2007. Disponível em:
<www.teseus.usp.br/teses/disponiveis/17/17139/tde-17032008.../tese.pdf> Acesso em: 10fev. 2015.
- DORETO, D.T. *Estudo do conhecimento de métodos anticoncepcionais entre adolescentes de uma área do programa saúde da família de Ribeirão Preto-SP (dissertação) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP*, Ribeirão Preto, 2007.
- DUARTE H.H.S. et al. Utilização de métodos contraceptivos por adolescentes do sexo feminino da Comunidade Restinga e Extremo Sul. *Rev Paul Pediatr*, v. 29, n. 4, p. 6-572, 2011.
- GIORDANO, M.V.; GIORDANO, L.A. *Contracepção na adolescência*. Revista oficial do núcleo de estudos da saúde do adolescente/UERJ. v. 6, n. 4, dez. 2009.
- GROSSMAN, E. et al. *Saúde do adolescente: competências e habilidades*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. - Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.
- HOLANDA, M.L. et al. *Compreensão dos pais sobre a exposição dos filhos aos riscos das DST/Aids*. Rev. RENE, 2006.
- IBGE. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2009: síntese de indicadores*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.
- JARDIM, V.M.J. et al. *O conhecimento e uso de preservativo por adolescentes: estudo comparativo em uma escola particular e publica*. *Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos*, v. 8, n. 1, mai. 2013.
- LACERDA, A.E.C. *Contracepção na adolescência: quebrando tabus*. 2010. *Iniciação Científica (Graduando de Enfermagem) - Centro Universitário de Patos de Minas, Patos de Minas*, 2010.
- MADUREIRA, L.; MARQUES, I.R.; JARDIM, D.P. *Contracepção na adolescência: conhecimento e uso*. *Cogitare Enfermagem*, v. 15, n. 1, p. 5-100, 2010.
- MARTINS, L.B.M. et al. *Conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes*. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.40, n.1, 2006.
- MENDES, S.S. et al. *Saberes e atitudes dos adolescentes frente a contracepção*. *Rev Paul Pediatr*, v. 29, n. 3, p. 91-385, 2011.
- MENDONÇA, R.C.M.; ARAUJO, T.M.E. *Métodos contraceptivos: A prática dos adolescentes das escolas agrícolas da Universidade Federal do Piauí*. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 2009.
- OLIVEIRA, D.C. et al. *Conhecimento e pratica de adolescentes acerca da DST/HIV/AIDS, em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro*. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 13, n. 4, p. 41-833, dez. 2009.
- OLIVEIRA, N.S. et al. *Conhecimento e Promoção do Uso do Preservativo por Profissionais de Unidades de Referência para DST/HIV de Fortaleza-CE: o preservativo feminino precisa sair da vitrine*. *Saúde Soc São Paulo*, v. 17, n.1, p. 107-116, 2008.
- OLIVEIRA, V.S.; NUNES, M.R.; SANTOS, L.C.S. *Métodos contraceptivos em estudantes adolescentes: estudo comparativo em escola*

pública e em escola privada. Revista Perquirere, v. 11, n. 1, p. 198-206, jul. 2014.

PORTELA, N.L.C.; ARAUJO, L.P. Conhecimento e prática dos métodos contraceptivos por estudantes adolescentes: um estudo comparativo. Revista Univasp, v.19 n.33, set. 2013.

SANTOS, G.E.O. Cálculo Amostral: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>> Acesso em: 15 fev. 2015.

SILVA, L. F.; ARAÚJO, L. P. Conhecimento e adesão de mães adolescentes acerca do planejamento familiar. 2010. Monografia (Bacharelado em Enfermagem) - Universidade Estadual do Maranhão, Caxias-MA, 2010.

SRP. Departamento de Saúde Reprodutiva e Pesquisa da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Escola Bloomberg de Saúde Pública/Centro de Programas de Comunicação (CPC) da Universidade Johns Hopkins, Projeto INFO. Planejamento Familiar: Um Manual Global para Prestadores de Serviços de Saúde. Baltimore e Genebra: CPC e OMS, 2007.

VONK, A.C.R.P.; BONAN, C.; SILVA, K.S. Sexualidade, reprodução e saúde: experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v. 18, n.6, p. 1807-1795, 2013.